

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

GISELE MARIA DA SILVA MARTINS

A ESCOLA É O LOCUS PRIVILEGIADO DA INCLUSÃO?

Porto Alegre

2010

GISELE MARIA DA SILVA MARTINS

A ESCOLA É O LÓCUS PRIVILEGIADO DA INCLUSÃO?

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia à Distância pela Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientador: Prof^o Paulo Albuquerque

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na
modalidade a distância/PEAD:

Profª Rosane Aragón de Nevado

Profª Marie Jane Soares Carvalho

M386e Martins, Gisele Maria da Silva

A escola é o locus privilegiado da inclusão? / Gisele Maria da Silva Martins; Orientação: Paulo Albuquerque. – Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 2010.
36 f.; il.

Inclui anexos.

1. Educação. 2. Educação especial - Pedagogia. 3. Pedagogia – Inclusão escolar. 4. Educação especial – Legislação. 5. Pedagogia. I. Albuquerque, Paulo. II. Título.

CDU: 37

Bibliotecária responsável: Márcia Flores da Silva, CRB -10/1477

Dedico esse trabalho as professoras do PEAD, tutoras, que ao longo desse período não me deixaram desistir nessa caminhada. Mesmo nos momentos mais árduos, sempre estiveram me incentivando, não poderia deixar também de agradecer a Escola Pedro Vicente que me acolheu e deixou que eu colocasse em prática o que vivenciei na Universidade.

AGRADECIMENTOS

Não quero ser injusta, mas nessa caminhada conto com a Luz de Deus em meu caminho, que conduziu os meus passos.

Tenho agradecer aos meus familiares, amigos, colegas de trabalho e algumas pessoas que compartilharam algumas horas ao longo dessa jornada.

Obrigada, por tudo, pois sem vocês eu não teria chegado aqui, sozinha ninguém vence nesse mundo.

RESUMO

Espaço, escolar é o espaço de inclusão? A escola é o lócus privilegiado da inclusão?

Tive como objetivo a conclusão do curso de Pedagogia à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizei o (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso, meu principal objetivo foi pesquisar sobre “Espaço escolar é o espaço de inclusão? A escola é o lócus privilegiado da inclusão.”

Pois durante o curso dentre as disciplinas oferecidas no PEAD estava a de (Educação de pessoas com necessidades especiais), nesta ocorreu o meu primeiro contato real com alunos especiais. Passei a verificar o outro lado da aprendizagem, assim aproveitei e falei da importância da disponibilização de material através da internet para a inclusão de alunos especiais. Assim tive a oportunidade e conheci o trabalho e a pesquisa da Doutora em Educação Maria Teresa Égler Mantoan, os quais eu utilizei como fonte de pesquisa e fundamentei teoricamente esse TCC.

Palavras-chave: Inclusão Escolar, Educação Especial, Legislação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BR	Brasil
PEAD	Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
NEE	Portador de Necessidades Especiais
SME	Secretaria Municipal de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
Art.	Artigo
MEC	Ministério da Educação Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de encenação teatral.....	37
Figura 2: Aluno especial não se integrando na atividade teatral	37
Figura 3: Alunos interagindo em encenação como personagens do teatro.....	37
Figura 4: Apresentação de caminhada ao meio ambiente	38
Figura 5: Caminhada do Meio Ambiente nas Ruas do Bairro.....	38

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	FUNDAMENTANDO O CONCEITO DE INCLUSÃO	15
3	INTERDISCIPLINA EDUCAÇÃO DE PESSOAS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS: O ENCONTRO COM A INCLUSÃO	19
4	O ESTÁGIO COMO UMA TENTATIVA DE INCLUSÃO	21
5	RASTROS DOS CAMINHOS DA INCLUSÃO	27
6	INCLUSÕES O CAMINHO A SER SEGUIDO.....	30
7	CONCLUSÕES A QUE ESSE TRABALHO SE PROPÕE.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	ANEXOS	35

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Espaço, escolar é o espaço de inclusão? A escola é o lócus privilegiado da inclusão? Tive como objetivo a conclusão do curso de Pedagogia à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizei (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso, meu principal objetivo foi pesquisar sobre o “Espaço escolar é o espaço de inclusão? A escola é o lócus privilegiado da inclusão.” Durante o curso dentre as disciplinas oferecidas no PEAD estava a de (Educação de pessoas com necessidades especiais), nesta ocorreu o meu primeiro contato real com alunos especiais. Passei e verifiquei o outro lado da aprendizagem, assim aproveitei e falei da importância da disponibilização de material através da internet para a inclusão de alunos especiais. Assim tive a oportunidade e conhecer o trabalho e a pesquisa da Doutora em Educação Maria Teresa Égler Mantoan, os quais eu utilizei como fonte de pesquisa e fundamentei teoricamente esse TCC.

Incluir alunos eis a questão, no Brasil esta sendo feita à inclusão de alunos especiais na rede regular de ensino e de acordo com (MANTOAN). Tanto a escola comum como a escola especial, têm resistido às mudanças exigidas por uma abertura incondicional às diferenças. Uma das mais sérias e influentes razões para que essa situação se mantenha é a neutralização dos desafios que a inclusão impõe ao ensino comum e que mobilizam o professor a rever e a recriar suas práticas e a entender novas possibilidades trazidas pela escola para todos. Esses desafios estão sendo constantemente anulados, contemporaneizados por políticas educacionais, diretrizes, currículos, programas compensatórios (reforço, aceleração entre outros). Falsas saídas têm permitido às escolas comuns e especiais de escaparem pela tangente e de se livrarem do enfrentamento necessário com a organização pedagógica excludente e ultrapassada que sustenta.

A inclusão perpassa por saber quais as necessidades especiais que os alunos possuem deficiências, déficits de aprendizagem antes de incluí-los na rede regular de ensino.

Para que houvesse a inclusão desses alunos, ou seja, que esses alunos especiais freqüentassem salas de aula no ensino regular, os primeiros passos a serem dados seria a qualificação dos educadores que iriam atendê-los nesse processo de ensino aprendizagem.

Outro passo que se fez necessário seriam as mudanças que a escola faria para receber-los, iniciando pelo Projeto Político e Pedagógico (aonde a inclusão iria desenvolver-se, não apenas citada, mas construída juntamente com a comunidade escolar, assim ela passaria ser realizada por todos os membros da escola e não isoladamente por professores.

Isso ocorreu em várias escolas, onde os alunos especiais ocupavam lugares, sem nenhuma atenção dedicada a sua necessidade ou sequer o educador não era preparado para atendê-lo. O aluno especial acabava ficando rotulado como aquele que não aprende, não tinha capacidade, não estando preparado, mas na realidade ele acabava sendo excluído dentro de uma sala de aula, que tinha sido destinada à inclusão.

Ainda em relação às mudanças na escola uma delas seria a presença dos pais para dentro das escolas, fazia com que eles atuassem nesse espaço como atores desse processo de inclusão, de maneira que se sentissem responsáveis na construção da inclusão na escola.

Que a escola conhecesse os seus alunos e não passasse por suas dificuldades e necessidades as negando, que o tempo de aprendizagem fossem o suficiente para os alunos desenvolvessem suas aptidões. Outro aspecto é que o currículo dessas escolas fosse aprimorado, levaria em conta as necessidades dos alunos.

Infelizmente mais um aspecto a ser modificado para que a inclusão pudesse ocorrer seriam as mudanças no processo avaliativo, tornando-se o mais cruel onde aluno é avaliado pelo o que produzia e não pela forma que ele atingisse o objetivo.

O aspecto humano não poderia deixar de ser levado em conta, os professores deveriam receber formação para atenderem os alunos especiais, se fazia necessário fundamentação teórica e também experiências onde eles vissem como se daria o processo inclusivo. Assim o professor irá conduzir as ações que transformassem o dia desses alunos e os seus em integradores da aprendizagem, onde ambos aprendessem juntos.

As tentativas isoladas de alguns professores em fazer pequenos projetos com objetivo de realizarem a inclusão, não poderiam deixar de ser valorizadas, mas essas atitudes deveriam ir ao encontro da escola, conduziria esse processo isolado não poderia ocorrer acabaria em frustração para o profissional que o executava e também poderia deixar marcas no educando fazia com que ele se sentisse excluído e que os seus pais, passavam a retirar-los das escolas regulares.

A proposta pedagógica também deveria ir ao encontro dos alunos especiais, logo que esse aluno vem para a escola deve ser modificada até que eles consigam se adaptarem a essa escola regular. Aliados nesse processo os pais caminhassem juntos, estavam presentes e acompanhavam as etapas, dessa nova aprendizagem. Então a inclusão não poderia acontecer em momento algum e quando não houvessem vagas ou qualquer impedimento esse aluno poderá também frequentassem uma escola especial, assim vemos que não foi apenas uma questão legal a inclusão, mas um direito garantido ao cidadão.

Então a inclusão não poderia acontecer em momento algum e quando não houvessem vagas ou qualquer impedimento esse aluno poderia também frequentassem uma escola especial, assim vemos que não foi apenas uma questão legal a inclusão, mas um direito ao cidadão. Seguindo veremos como está sendo o processo de inclusão e sua fundamentação teórica através de autores.

Mas a inclusão já estava estabelecida legalmente de acordo Eugênia Augusta (na Constituição da República “Prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos e coloca como

princípio para a Educação o” acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”.

LDB (Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional de 1996(A redação do parágrafo 20 do artigo 59 provocou confusão, dando a entender que, dependendo da deficiência, a criança só podia ser atendida em escola especial. Na verdade, o texto diz que o atendimento especializado pode ocorrer em classes ou em escolas especiais, quando não for possível oferecê-lo na escola comum.

2 FUNDAMENTANDO O CONCEITO DE INCLUSÃO

Parti do conceito de Inclusão de acordo com o dicionário Luft (s.f. Ação ou efeito de incluir-se). Inclusivo. Adj. Que inclui ou abrange.

Mas para fundamentar esse TCC eu utilizei o conceito de inclusão de acordo com Mantoan, que traz “A inclusão é uma inovação, cujo sentido tinha sido muito distorcido e um movimento muito polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais.

No entanto, inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação e assim diz a Constituição.

Busquei o aspecto legal iniciando pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que em seu Art. 208 inciso III apresenta: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino.

Parti da lei todas maiores todas as crianças seriam contempladas, mas mesmo assim os alunos especiais, não freqüentavam as redes de ensino regular, mas apenas em escolas especiais.

O aspecto legal deveria ser levado em conta, à escola brasileira busca a qualidade no ensino, mas essa não ocorreria se não houvessem mudanças urgentes no cenário da educação nacional.

Passei pelas avaliações, construções de condições dignas para que ocorresse o processo. Legislar sobre a educação inclusiva é voltar os olhos para uma parcela vitimada e excluída de tal forma que a LDB (Lei de diretrizes e Bases) estabelece:

- A primeira garante atendimento prioritário de pessoas com deficiência nos locais públicos.
- A segunda estabelece normas sobre acessibilidade física e define como barreira obstáculos nas vias e no interior dos edifícios, nos meios de transporte e tudo o que dificulte a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios de comunicação, sejam ou não de massa.

Mas nesta lei não está previsto como se deve fazer a inclusão nas escolas das redes regulares de ensino. Ali deveria sim estar exposto o que se pode fazer para que ocorra a inclusão.

O primeiro espaço de inclusão para uma escola deve ser ela constar no Projeto Político e Pedagógico, no qual a inclusão merece estar vinculada e não apenas mencionada.

Incluir também é capacitar o professor para interagirem com esses alunos, através da UFRGS, viu que a inclusão passa pela formação dos docentes.

“Segundo Mantoan”. A participação da família” A aprendizagem sobre a importância da inclusão chega até os pais. Eles aprovam a experiência diária dos filhos. Muitos contam que as crianças se tornam mais cooperativas”.

A real inclusão não se dá isolada na escola, mas sim ela deve ser construída pelos pais, escola e a sociedade.

Se não houver a participação dos pais esse processo não consegue se der por completo. O crescimento da aprendizagem deve ser acompanhado diariamente, cada avanço passa a ser uma grande conquista.

Assim ás escolas passa a ser espaços inclusivos, se capacitando para aceitarem as diferenças. E se a escola não estiver aberta ao diálogo e para as

construções das mudanças necessárias, não se dá à inclusão e sim um processo excludente e mascarado.

A escola deveria realizar uma reformulação em seu PPP, para parti-la daí começar a ver a inclusão no sentido inovador e não apenas para cumprir uma legislação vigente.

Outro aspecto é a formação de docentes, que se sentissem capazes de atuassem com esses alunos e não apenas parti de sua aceitação, mas sim de sua fundamentação para exercessem essas possibilidades.

Os espaços escolares devem ser preparados para recepcionar esse aluno e não jogá-lo simplesmente em uma sala isso requer a mudança na escola.

Primeiramente se faz urgente a transformação na sala de aula, criando espaços e não somente ter uma sala de recursos ou com estes disponíveis, mas ter sim profissionais capacitados para utilizados como instrumentos para inclusão.

Seguindo do pressuposto de Delor's, (A educação pode ser um fator de coesão, se procurar ter em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social.

O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui de fato um princípio fundamental, que deve levar à proscricção de qualquer forma de discurso estandardizado. Os sistemas educativos formais são muitas vezes acusados e uma razão de limites a realização pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais, mas nenhuma expressa como lidar com esses alunos especiais no cotidiano de sala de aula e nem sugestões metodológicas são apresentadas. Assim a inclusão vem sendo construída em nossa rede regular. Mas no curso de Pedagogia Modalidade à Distância(PEAD), tínhamos uma interdisciplina que tinha por objetivo estudar as necessidades especiais e dar conhecimento sobre essas necessidades e a prática na educação inclusiva.

A lei brasileira garante o direito a todos a estudar, em qualquer nível de ensino em rede regular, como podemos verificar através do site da revista Nova Escola[vi], iniciando pela Constituição da República, Lei nº 7853/89, Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA1990), A Declaração de SALAMANCA de 1994, a LDB e também as leis nº 10.048 e nº1098, juntamente com a Convenção da Guatemala de 2001, expressam e garantem os direitos dos alunos NEE, mas nenhuma expressa como lidar com esses alunos especiais no cotidiano de sala de aula e nem sugestões metodológicas são apresentadas. Assim a inclusão vem sendo construída em nossa rede regular.

3 INTERDISCIPLINA EDUCAÇÃO DE PESSOAS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS: O ENCONTRO COM A INCLUSÃO

Esta interdisciplina em temas referentes se relacionava com temas e desenvolvia estudos referentes a prática dos professores na educação inclusiva.

Mas primeiramente cabe a nós educadores fazermos a diferenciação entre diversidade e currículo. Segundo Lenise Cacula Pistóia (A diversidade significa mais possibilidades de adaptações, e portanto, mais possibilidades de sobrevivência como espécie. Educar na Diversidade pressupõe a adoção de um modelo de currículo que facilite a aprendizagem de todos alunos e alunas em sua diversidade.

Eu enquanto aluna dessa interdisciplina vi o porquê, a educação inclusiva se torna distante, pois as escolas não fazem ou ainda mantêm os seus currículos engessados, sem a realização dessas mudanças.

Outro aspecto que dialoga com a interfase é a prática que os professores executam que na sua maioria são práticas integradoras ,mas não inclusivas.

As práticas deviam unir o trabalho pedagógico e as necessidades vivenciadas, através das experimentações, criações e fazendo com que eles se tornem autores do processo e não apenas respondam ou fiquem fazendo apenas repetições, ao invés de se tornarem autores desse processo e ainda serem avaliados de forma classificatória como a já existentes.

Assim teremos uma escola capaz de fazer uma escola capaz de fazer a inclusão. Nessa escola professores e alunos aprendem juntos, ou seja, colaborando uns com os outros.

Finalizei este “item com Pistóia” onde ela nos diz que o desenvolvimento do ensino curricular no âmbito escolar, não pode ser reduzido ao planejamento e aplicação de técnicas supostamente eficazes e generalizáveis. Ela deveria ser

concebido pela intervenção crítica e reflexiva, que requer um alto nível de compreensão da realidade de cada contexto escolar.

Aproveitei e reafirmei que apenas as técnicas e estratégias isoladas no âmbito escolar, mas sim em conjunto, as decisões seriam do grupo coletivo e não supostamente individualizado. De forma , como vivenciei em minha prática de estágio.

4 O ESTÁGIO COMO UMA TENTATIVA DE INCLUSÃO

Durante meu estágio curricular supervisionado, realizei na Escola Municipal de Ensino Fundamental “X”, estando situada no perímetro urbano no município de Viamão e pertencente à rede regular de ensino.

Essa escola funciona das oito horas às cinco horas da tarde, pela manhã são atendidas as turmas do sexto e nono ano e pela parte da tarde são atendidas as turmas do currículo do primeiro ao quinto ano.

Desenvolvi junto com a minha turma a de número onze, sendo esta um primeiro ano, na modalidade de nove anos.

Os alunos que foram matriculados possuíam em sua maioria seis anos de idade, matriculados tínhamos vinte alunos, mas freqüentavam dezesseis, destes tínhamos dez meninas e seis meninos, um destes apresentava uma necessidade especial, mas os familiares não apresentaram nenhum laudo para a escola, o diretor, a supervisora e eu juntamente com eles achávamos que ele possuía alguma síndrome, mas nós não poderíamos informar, pois não éramos especialistas para diagnosticarmos o caso.

Mesmo eu já sendo alfabetizadora há cinco anos, eu nunca havia tido uma tentativa de realizar a inclusão de um aluno especial.

Os alunos da turma onze possuíam condições remediadas de vida. Busquei essas características básicas e desenvolvi o “Projeto Diversidade Cultural em Sala de Aula”, realizei atividades e parti das diferenças culturais existentes em sala de aula, devido à presença de um aluno NEE, foi criado esse projeto.

Mas o objetivo central que eu tinha era incluir esse aluno NEE, foi que interligou este projeto. Tentei e uni a prática em sala de aula com tecnologias e inovações e busquei transformar o dia a dia no espaço escolar.

Relatei acima que esta é a primeira vez na qual eu estive tentando incluir um aluno em uma turma de primeiro ano, juntamente com a escola " X".

Assim esse processo de inclusão passou a ser acompanhado pela Secretaria Municipal de Educação de Viamão e pela sua assessoria pedagógica.

Evidenciei que este projeto foi subdividido em nove semanas de planejamentos. Foram necessárias intervenções pedagógicas, pois tínhamos no contexto a formação física, cognitiva, social e moral pois o nosso foco era convivermos com as múltiplas diferenças e realizar a inclusão.

Consegui construir um processo de alfabetização, mas não consegui realizar a inclusão do aluno especial (NEE). Ao longo desse processo de alfabetização, mas não consegui realizar a inclusão, através de atividades desenvolvidas para incluí-los. Mas tive como entraves nesse processo primeiramente a negligência dos responsáveis pelo aluno, que não apresentaram nenhum laudo médico falando que o seu filho possuía alguma necessidade especial.

Outro obstáculo foi à falta de preparo que eu sentia, não tinha o conhecimento suficiente para incluí-lo na aprendizagem. Mesmo quando eu tive uma interdisciplina no PEAD, que se denominava Educação de Pessoas com Necessidades Especiais, nela tive o primeiro e real contato com alunos especiais.

As estratégias que eu desenvolvia para atingir esse aluno especial e os demais alunos perpassavam pelas diferenças culturais existentes em sala de aula e para evidenciar este processo apresentei logo abaixo três práticas de ensino que fundamentavam a escolhas dessas estratégias.

Utilizei a Hora do Conto através do “ Senta que lá vem a história, ou seja, uma roda onde eu contava histórias infantis com temas diversificados para desenvolver

ao longo da Semana do Planejamento alguns objetivos da alfabetização como: Reconhecer a letra inicial dos personagens da história, construção de mural coletivo sobre a história, atividades lúdicas como jogos de memória, e formação de palavras e também atividades físicas envolvendo os personagens. Encenação de teatro, através de um pequeno texto narrado pela professora, em que eles encenariam.

No dia 13 de abril, realizamos o “Senta que Lá Vem a História (com o Elefante sem Tromba, de Rubem Braga), a atividade foi a encenação de um fragmento da história, os personagens tinham os seus nomes escritos em fitas que eram amarradas na cabeça e assim cada aluno escolheria o personagem que gostaria de ser, nenhum deles quis ser o elefante, então eu assumi esse papel, assim eu contava o texto e nós encenávamos, assim todos nós interagimos.

No final dessa atividade eu percebi que o aluno especial não conseguia se integrar com os demais colegas, mas neste momento eu tentava incluí-lo. Ainda vi o quanto se pode fazer em uma sala de aula sem tantos recursos, sem grandes caracterizações uma encenação teatral.

Outra prática que demonstra a minha tentativa foi a que eu desenvolvi no dia vinte e seis de abril de 2010. Sendo assim eu realizava o “Senta que lá Vem a História” com um poema de Gláucia P. Cardoso sob título (Os Dias de Cada Um), que seria uma roda de hora de Hora do Conto onde todos ouviam a história eu utilizei recursos visuais para apresentá-la, desta vez utilizei após perguntas sobre as imagens e após eu ia pendurando-as no varal da sala de aula.

E a principal estratégia desenvolvida foi com eles a experimentação de diferentes sabores como por exemplo, o doce, o salgado, o amargo, o azedo, em botes onde cada aluno provaria e tentaria identificar os diferentes sabores através do paladar.

E como tentativa de envolver os pais, neste planejamento, solicitei que eles respondessem um questionamento sobre “Qual a profissão do pai, da mãe ou do seu responsável desenvolvia”?

Conclui desta vez e percebi que a minha tentativa de inclusão foi modificada, pois deixei que o aluno especial permanecesse em pé na rodinha e no final, deixei que ele manipulasse o varal, com os outros colegas, mesmo retirando tudo, vi que a minha reação já não foi a mesma, pois deixava ele interagir com os colegas eu não permitia que eles o retirassem da atividade. Outro aspecto diferencial foi a tentativa de incluir os pais, pois após a suas respostas os dados iam sendo colocados em uma tabela, assim acontecia a integração dos pais e o projeto, percebi que muitos não se envolviam e não mandavam as respostas

Outra atividade que foi desenvolvida foi a Caminhada ao Meio Ambiente, que se realizou no dia vinte e seis de maio de 2010, que uniu a prática de estágio com uma atividade da escola com o meio em que eles viviam, ou seja, me tornei membro dessa comunidade.

Para que eles participassem dessa caminhada eles confeccionaram cartazes alertando dos problemas que ocorriam na comunidade local, eles levaram esse material feito e ainda tiveram a oportunidade de verem como era o ambiente nas proximidades da nossa escola.

Ficou visível que este aluno, tinha grande dificuldade para se relacionar com os colegas, assim, não interagia em nenhum dos grupos da sala de aula. Ele acabava sentado na minha mesa ao meu lado com os seus materiais eu tentava que ele realizasse alguma atividade que eu planejava especialmente para ele.

Em relação à aprendizagem do grupo de alunos, eu sentia que os alunos não entendiam o porquê eu ficava tanto tempo ajudando o coleguinha que não realizava as mesmas atividades. Mas verifiquei que trabalhar em grupos me servia de apoio, pois alguns alunos tentavam e me ajudavam, eles já estavam mais familiarizados com este coleguinha especial.

Afirmo que para trabalhar com um aluno especial, planejar atividades pedagógicas diferenciadas, não basta é muito pouco para se chamar de inclusão.

Passei e fiz consultas em sites da Revista Nova Escola e procurava postagens sobre alunos especiais. Deste momento em diante utilizei a revista online, daí eu já tinha uma fonte de pesquisa a qual e revisei no dia trinta de agosto com objetivo de conseguir materiais que eu usaria para o meu TCC. Todas as minhas tentativas que eu realizava pareciam não ter nenhum valor, assim na terceira semana a família pediu para retirá-lo da escola. Não foi em nenhum momento consultada assim ele foi transferido para uma escola infantil da proximidade chamada de Ursinho Branco.

Após a saída desse aluno busquei e verifiquei o Projeto Político da Escola "X", para ver o que nele continha sobre a inclusão.

Em minha investigação eu vi a inexistência de um capítulo que tratava da inclusão, nele apenas nas entrelinhas podíamos ver de forma muito coesa. Neste PPP constava apenas:

Em seu histórico: Nossa escola acredita em uma educação de qualidade, onde todos fazem parte do processo educativo e contribuem para o bom funcionamento e o aprendizado dos nossos alunos.

No ato conceitual: A escola que queremos: Visão uma escola onde todos os segmentos são capazes de atender a comunidade escolar com educação, respeitando suas diferenças sociais, religiosas e políticas. Onde todos serão tratados com igualdade. "Queremos uma escola para acolher a todos."

"Concepção de educação" a educação é uma arte cuja prática deve ser aperfeiçoada ao longo das gerações; é uma troca constante de conhecimentos entre educador e educando.

"Valores e princípios valorizar e investir nos indivíduos para se tornarem seres atuantes na sociedade. Uma escola que oportunize a integração de todos, respeitando os direitos e deveres de cada ser humano". Percebi com essa investigação que a inclusão estava apenas sendo citada e não vivenciada através do PPP, temos então um vestígio de que o PPP influencia nos caminhos da inclusão.

5 RASTROS DOS CAMINHOS DA INCLUSÃO

Mas os caminhos traçados pela inclusão deixam um rastro que ainda envergonham a sociedade brasileira, e deixam uma pergunta que este TCC, procura responder Espaço, escolar é o espaço de inclusão? A escola é o lócus privilegiado da inclusão?

Eu utilizo das palavras da Doutora MANTOAN, para responder com qualidade e apropriação do tema, essa questão, pois enquanto estudante do curso de pedagogia do PEAD buscou estudar esse tema para a construção deste TCC e a mais completa resposta foi dada por esta Pesquisadora que me mostrou que é possível sim fazer a inclusão perpassando por essas mudanças iniciando pela pergunta: (Como está à inclusão no Brasil hoje?)

Estamos caminhando devagar. O maior problema é que as redes de ensino e as escolas não cumprem a lei. A nossa constituição garante desde 1988 o acesso de todos ao ensino fundamental, sendo que alunos com necessidades especiais devem receber atendimento especializado preferencialmente na escola, que não substitui o ensino regular. Há outra questão, um movimento de resistência que tenta impedir a inclusão de caminhar: a força corporativa de instituições especializadas, principalmente em deficiência mental. Muita gente continua acreditando que o melhor é excluir, manter as crianças em escolas especiais, que dão ensino adaptado. Mas já avançamos. Hoje todo mundo sabe que elas têm o direito de ir para a escola regular. Estamos num processo de conscientização.

A escola precisa se adaptar para a inclusão?

Além de fazer adaptações físicas, a escola precisa oferecer atendimento educacional especializado paralelamente às aulas regulares, de preferência no mesmo local.

Assim, uma criança cega, por exemplo, assiste às aulas com os colegas que enxergam e, no contra turno, treina mobilidade, locomoção, uso da linguagem braile e de instrumentos como o soroban, para fazer contas. Tudo isso ajuda na sua integração dentro e fora da escola.

Como garantir atendimento especializado se a escola não oferece condições?

A escola pública que não recebe apoio pedagógico ou verba tem como opção fazer parcerias com entidades de educação especial, disponíveis na maioria das redes.

Enquanto isso, a direção tem que continuar exigindo dos dirigentes o apoio previsto em lei. Na particular, o serviço especializado também pode vir por meio de parcerias e deve ser oferecido sem ônus para os pais.

Estudantes com deficiência mental severa podem estudar em uma classe regular?

Sem dúvida. A inclusão não admite qualquer tipo de discriminação, e os mais excluídos, sempre são os que têm deficiências graves. No Canadá, vi um garoto que ia de maca para a escola e, apesar do raciocínio comprometido, era respeitado pelos colegas, integrado à turma e participativo. Há casos, no entanto, em que a criança não consegue interagir porque está em surto e precisa ser tratada. Para que o professor saiba o momento adequado de encaminhá-la a um tratamento, é importante manter vínculos com os atendimentos clínicos e especializados.

A avaliação de alunos com deficiência mental deve ser diferenciada?

Não, uma boa avaliação é aquela planejada para todos, em que o aluno aprende a analisar a sua produção de forma crítica e autônoma. Ele deve dizer o que aprendeu, o que acha interessante estudar e como o conhecimento adquirido modifica a sua vida.

Avaliar estudantes emancipados é, por exemplo, pedir para que eles próprios inventem uma prova. Assim, mostram o quanto assimilaram um conteúdo. Aplicar testes com consulta também é muito mais produtivo do que cobrar decoreba. A função da avaliação não é medir se a criança chegou a um determinado ponto, mas se ela cresceu. Esse mérito vem do esforço pessoal para vencer as suas limitações, e não da comparação com os demais.

Utilizei as palavras da doutora logo acima, para não apenas demonstrar os rastros, do caminho dá inclusão , mas para demonstrar o quanto a sociedade ainda necessita mudar,também me serviu para ver que a escola é sim o lugar onde eles possam desenvolver a capacidade de juntos de alunos de sua própria comunidade aprenderem. assim temos alguns passos a serem dados ao encontro da criação de uma escola inclusiva.

6 INCLUSÕES O CAMINHO A SER SEGUIDO

As tentativas de inclusão não podem ficar sendo barradas pela exclusão.

A legislação brasileira vigente já demonstra a necessidade da inclusão de alunos na rede regular de ensino. Mas para esta se tornar uma realidade se faz necessário não apenas um novo olhar, mas que atos legais do Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais dediquem uma parte dos seus recursos, obtidos em seus orçamentos para manterem essa educação inclusiva.

Primeiramente oferecendo formação contínua aos professores de suas redes de ensino.

Em segundo momento construindo salas de recursos dentro dessas escolas, o porquê dessa colocação em uma segunda etapa, pois se tornou mais caro assim adquirir equipamentos inclusivos é algo que onera um pouco mais de gastos.

Em um terceiro momento o Ministério e as secretarias deveriam criar concursos para especialistas, para eles atuarem junto às escolas, ou uma contratação de psicopedagogos, fonoaudiólogos, pediatras e até neurologistas para eles se unirem aos professores neste projeto inclusivo.

Assim teremos uma rede regular bem especializada para realizar esta inclusão e como uma consequência desse projeto ocorrerá o aumento de vagas na rede regular de ensino na educação brasileira.

Com o aumento dessas vagas, estará sim fazendo com que mais alunos recebam uma educação de qualidade na rede regular do Brasil.

Afirmo que a inclusão só ocorre de fato quando os gestores, legisladores, professores passarem a ver a inclusão como necessária e não apenas com um

diferencial, não deve ser parcial, mas total e a escola deve abrir as portas para os especialistas aturem junto com a escola, como fonoaudiólogos, psicopedagogos, pediatras, assim ocorrerá à devida inclusão.

Pois nós professores não somos capazes de construirmos esse processo isolado. A escola deve sim buscar o auxílio em outras áreas para juntas conduzirem esse processo de uma maneira mais justa e não negar o direito que esses alunos especiais tem de freqüentar uma escola de qualidade, digna e que fornece a base para os transformarem em cidadãos críticos capazes de viverem nessa sociedade um tanto desigual. Já em relação ao município de Viamão, local onde realizei a minha tentativa de inclusão, seria necessário fazer em primeiro lugar uma formação para os professores e não com pequenos cursos, mas através do mapeamento das escolas onde há um grande número de alunos com déficits de aprendizagem e as possibilidades de haverem turmas para a inclusão de alunos nesta rede regular.

Assim em um segundo momento levarem para as regiões salas de recursos e nessas já terem professores especializados. Com todos esses recursos físicos e materiais temos, condições de criar escolas inclusivas. Como tentei demonstrar ao longo desse trabalho conclusivo.

7 CONCLUSÕES A QUE ESSE TRABALHO SE PROPÕE

Esse trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia à Distância, se propôs a mostrar as condições da inclusão na rede regular de ensino, fundamentada pela pesquisa da Doutora Maria Teresa Ègler Mantoan e também partilhar uma tentativa de inclusão em uma turma de alfabetização no município de Viamão em uma escola “ X”.

Vimos através da pesquisa que a legislação brasileira é muito ampla, com algumas leis, declarações, estatutos, entre tantos artigos,mas ainda não tínhamos a real inclusão na educação brasileira, o que nós vivenciamos são propostas de inclusão que vinham ocorrendo isoladamente em alguns lugares deste país. Não temos uma política nacional que regule a inclusão , esta escola inclusiva justa, para todos capaz de enfrentar entraves, esta para ser construída por todos nós educadores comprometidos com uma educação, como um direito de todos.

Já em relação a prática docente ,conclui através de experiências vivenciadas ao longo do estágio curricular que utilizar pequenos projetos para realizar uma tentativa de inclusão de um aluno portador de necessidade especial,não passava de uma prática integradora.Ou seja essa prática de como por exemplo trabalhar em pequenos grupos, atividades como contação de histórias infantis, encenação de teatro,não levam em conta a inclusão.Para realizar a inclusão a escola deve estar preparada para fazê-la desde o seu Projeto Político Pedagógico, mas com a sua equipe docente participando e buscando se preparar para interagirem com esses alunos e também contar com a presença dos pais neste processo inclusivo, pois a inclusão não ocorre isolada, esse é o diferencial.E através dessa pesquisa aprendi que as práticas inclusivas tem por um objetivo central o sentido da aprendizagem, que esse processo seja significativo para eles, através de períodos curtos em que eles possam interagirem sobre objetos,materiais diversificados,atividades de criação livre, experimentação que eles há um contato direto com espaço e suas delimitações.

Assim se dá os primeiros passos nesse processo inclusivo, sem nada muito fixo ou estático, deixando aos poucos que eles se incluam lentamente e que o grupo vá se formando naturalmente.

Finalizo este trabalho afirmando sim que escola é o espaço para inclusão, e que há um grande privilégio acompanhar as tentativas de inclusão que vem sendo desenvolvidas, ainda aproveito para dizer que a inclusão na rede regular acontecerá quando os olhares para esta estiverem voltados para a criança especial, pois ao finalizar esta tentativa de inclusão, me tornei mais humana e quando vejo uma criança especial não consigo mais ficar estática, passei a me interrogar e a me inquietar, pois esse é o fruto de uma experiência que eu continuarei após ter passado por esta etapa. A escola é o lócus privilegiado da inclusão, pois ela é a principal na formação de cidadãos, pois é lá que deve ocorrer o princípio de inclusão, pois se a escola não o fizer quem irá ensinar o que é a inclusão e como conviver em sociedade com os portadores de necessidades especiais.

Assim teremos "Uma escola onde todas as crianças sejam bem vindas" parafraseando Mantoan.

REFERÊNCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar_ O que é? Por quê? Como fazer?** Ed. Moderna.

FAVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das Pessoas com deficiência.** 342 p., Ed. WVA.

LUFT, Celso Pedro. **Mini dicionário Luft.** (colab.) Francisco de Assis Barbosa, Manoel da Cunha Pereira. (org. sup.) Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Todas as crianças são bem-vindas à escola.** Disponível em: <<http://www.proinclusão.org.br/textosemhtml>> Acesso em: 20 out. 2010.

DELORS's, Jaques. **Educação: Um tesouro a descobrir.** 5.ed. .São Paulo: Cortez: Brasília-DF: MEC, UNESCO 2001.

Site. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao-no-brasil/leis-diversas>> Acesso em: 25 out. 2010.

Page 1 of. 4 Nova Escola On-line - O site de quem educa. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/preview.shtml>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

Disponível em: <<http://www.viamao.rs.gov.br/>> Essa reportagem foi retirada da página da prefeitura de Viamão.

Diversidade e currículo, PISTÓIA, (2007), diversidade e currículo, pdf. Page(<http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/necessidades-especiais/praticas-de-inclusão.html>).

ANEXOS

ANEXO 1 - A INCLUSÃO NO MUNICÍPIO DE VIAMÃO, REALIDADE A CONSTRUÍDA

Sei que o município de Viamão no qual eu trabalho já há cinco anos vem desenvolvendo cursos para a capacitação dos professores, como vocês podem ver logo abaixo, não é uma atitude isolada da rede municipal, mas sim do município em busca pela inclusão.

Seminário Integrador do Curso de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento tem como objetivo principal dar subsídios para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. O evento, que aconteceu na sexta-feira, dia 29, no campus da Puc/RS Viamão, foi o fechamento do curso iniciado em abril. Todo esse trabalho foi uma parceria da Secretaria de Educação, Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – Campus Viamão.

Os 120 professores, que realizaram o curso de 120 horas, e mais 40 professores convidados da rede municipal vivenciaram na prática todas as teorias vindas das aulas realizadas durante o curso.

A coordenadora do curso de pedagogia da Puc, Leunice Martins, fala como foi emocionante ter recebido uma capacitação como essa. “Nesses 20 anos como professora desse campus nunca houve uma capacitação para esse fim em Viamão.

Foi legal, produtivo e emocionante receber esses professores durante todo o curso, estamos de portas abertas para outros projetos”, ressalta Leunice.

A secretária de Educação, Indianara Olinski, relata que Viamão tem conseguindo trazer muitos projetos do MEC. “O empenho da Secretaria de Educação vem trazendo diversos investimentos na educação através de capacitações financiadas pelo governo federal. Isso é bom para os professores, isso é melhor ainda para nossas crianças”, salienta Indianara. No final, os participantes do curso escreveram um artigo para ser publicado na revista prevista para o

fechamento dessa capacitação. A psicopedagoga do Hospital São Lucas da Puc, Juliana Pieroná, e a psicóloga da Clínica do Centro Interdisciplinar de Educação em Saúde (Qualific), Livia Wolitu, foram as responsáveis pelas 8 horas de atividades.

A coordenadora do curso de pedagogia da Puc, Leunice Martins, fala como foi emocionante ter recebido uma capacitação como essa. “Nesses 20 anos como professora desse campus nunca houve uma capacitação para esse fim em Viamão. Foi legal, produtivo e emocionante receber esses professores durante todo o curso, estamos de portas abertas para outros projetos”, ressalta Leunice.

A secretária de Educação, Indianara Olinski, relata que Viamão tem conseguindo trazer muitos projetos do MEC. “O empenho da Secretaria de Educação vem trazendo diversos investimentos na educação através de capacitações financiadas pelo governo federal. Isso é bom para os professores, isso é melhor ainda para nossas crianças”, salienta Indianara

Essa reportagem foi retirada da página da prefeitura de Viamão segundo o link <http://www.viamao.rs.gov.br/>

ANEXO 2 - REENCONTRANDO O TEATRO EM UMA PRÁTICA DE SALA DE AULA



Figura 1: Exemplo de encenação Teatral.



Figura 2: Aluno Especial não se integrando na Atividade teatral.

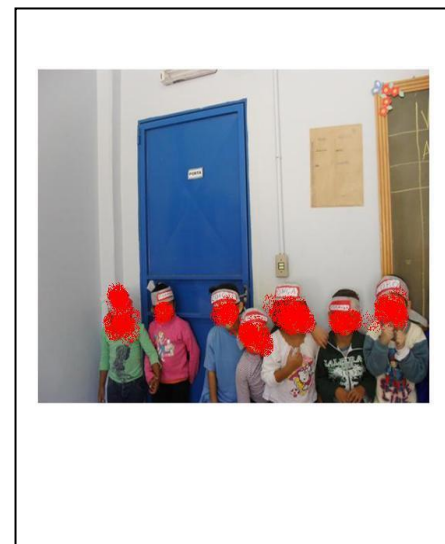


Figura 3: Alunos interagindo em encenação como personagem do teatro.

Aproveitei para postar aqui uma atividade que desenvolvi em minha 1ª semana de estágio, estou falando da atividade de teatro, ou seja a improvisação da história o Elefante Sem Tromba . Que consiste em os alunos receberem fitas com o nome dos personagens e uma pequena fala ou ainda em encenar da história. Foi muito gratificante para os alunos , afirmei que reencontrar uma prática de teatro me faz olhar para uma aprendizagem mais significativa indo ao encontro da diversidade cultural, que foi explorada desta breve atividade.

ANEXO 3 - CAMINHADA DO MEIO AMBIENTE

Com o objetivo de cuidar o meio ambiente e preservá-lo foi realizada caminhada. Tendo como objetivo a observação do entorno de nossa escola,vermos como estão as condições das ruas Verificarmos alguns danos causados pelos moradores, Observação e experimentação foram objetivos alcançados nesta atividade.



Figura 4: Apresentação de caminhada ao meio ambiente



Figura 5: Caminhada do Meio Ambiente nas ruas do bairro.